

# TEORIAS CRÍTICAS DA COMUNICAÇÃO: O PENSAMENTO DE ARMAND

MALDONADO, Efendy

## RESUMO

O texto discute as formulações teórico-metodológicas de Armand Mattelart, analisando suas contribuições para a *epistemologia*, *economia política*, *sociologia* e *história* da comunicação. O autor constitui um referente obrigado da reflexão teórica na América Latina, considerando a notória influência exercida no pensamento crítico da região nos últimos 30 anos.

**Palavras-chave:** Comunicação. América Latina. Teorias Críticas. Crítica social.

## 1 INTRODUÇÃO

A mudança epistemológica assumida por Mattelart nos anos 80 levou-o a optar por um método histórico de pesquisa teórica. Foi assim que investigou a história das idéias, das estratégias, dos objetos, das técnicas, dos espaços, das doutrinas, dos sistemas, das redes, das máquinas, da guerra, da política, da economia, das revoluções e das utopias. Uma de suas principais preocupações, a partir desse momento, tem sido construir elementos teórico-metodológicos que contribuam para um aperfeiçoamento do saber acerca da comunicação social, numa perspectiva crítica transformadora que resgate a memória da estruturação deste campo pela humanidade nestes três últimos séculos.

Desse modo, um dos objetos de pesquisa trabalhados exaustivamente por Mattelart a partir de *Pensar sobre los medios/comunicación y crítica social* tem sido a **história da comunicação**, pensada como parte da história do sistema capitalista mundial. Seu percurso de estruturação metodológica foi definido situando os principais paradigmas, autores e comunidades de pensamento que versaram sobre a problemática comunicológica. Esses conjuntos de idéias foram analisados na sua produção específica por correntes de pensamento situadas num contexto histórico condicionado pelo sistema capitalista.

Longe de um *determinismo* ou um *mecanicismo* elementares, Mattelart relaciona as problemáticas políticas, financeiras, geopolíticas, sociais, religiosas, filosóficas e tecnológicas de forma plural. Nesse sentido, seu método de análise teórica mudou consideravelmente nos anos 80, passando de uma postura *vanguardista* e *exclusivista revolucionária* para uma maneira de pensar mais rigorosa, aprofundada, plural e abrangente. Os mesmos problemas e as mesmas problemáticas, estudadas nos primeiros anos só por meio de poucas perspectivas, na segunda época conservaram seu valor crítico, seu valor de denúncia, mas adquiriram fortaleza teórica incorporando métodos e visões mais afinados. É paradigmática sua passagem de Althusser para Gramsci, dos *apocalípticos* para Walter Benjamin, do *estruturalismo* para [Michel de Certeau](#), do *determinismo* econômico-político para os *estudos culturais*.

Na sua trajetória Armand Mattelart tem demonstrado coragem, compromisso e consequência em assumir percursos metódicos e formas de pensamento; essa característica transformou-o num autor muito polêmico, que, sem possuir um domínio teórico-metodológico avançado, entrou em confronto com correntes críticas, especialmente teoricistas, que rejeitavam enfaticamente seus procedimentos. Seus primeiros anos como pesquisador e pensador da comunicação demonstram, retrospectivamente, sua intensa procura de elementos substanciais para compreender o campo, mas essa busca não foi realizada mediante a simples especulação abstrata no laboratório científico ou na restrita produção intelectual. Foi, sim, um trabalho militante no qual o pensador se confrontava com a realidade socioeconômica e política, orientando suas perguntas e estruturando suas problemáticas de acordo com as demandas históricas de um pensador revolucionário.

A preocupação crítica de Mattelart com a transformação do mundo guia suas propostas teóricas e metodológicas. A aplicação do método da *economia política* para pesquisar os sistemas e as redes de informação hegemônicas visa compreender de forma mais aprofundada o funcionamento do capitalismo e do poder da mídia no campo da comunicação social. Suas proposições metodológicas sobre a necessidade de utilizar métodos antropológicos, sociológicos, históricos, políticos e econômicos no estudo dos processos de comunicação partem do fundamento essencial de subversão do sistema capitalista e, portanto, da necessidade de compreender de melhor forma os fenômenos comunicológicos das diversas classes, grupos, comunidades e sujeitos.

Nesta perspectiva, Mattelart resgata o trabalho de Mikhail Bakhtin (1895-1975) com sua formulação **dialógica da linguagem**, "que tomava em consideração as expressões concretas dos indivíduos em contextos sociais específicos. (...) No coração desta concepção dialógica da linguagem exprime-se uma crítica radical da definição dogmática da ideologia como conjunto petrificado de afirmações gerais, cortadas daquilo a que Bakhtin chama <<a ideologia da vida>>" .(2)

Para Mattelart é fundamental essa afirmação de Bakhtin a respeito da linguagem como *campo de tensões e interesses conflitivos*, a linguagem como uma forma particular de cultura humana inserida e profundamente vinculada com o social. Para nosso autor a linguagem é importante enquanto manifestação de relações dialógicas-sociais e sob o aspecto de mostrar contextos sociais particulares. A problemática da *recepção*, que para Mattelart tem um valor de conhecimento crucial, adquire por meio do estudo de Bakhtin um caráter mais abrangente. As relações entre cultura e linguagem, entre cultura e comunicação podem ser pensadas de maneira mais ajustada. O popular refletido na história do *riso*, da  *festa*, do *proibido*; o resgate das

formas de comunicação presentes nos *carnavais*, nos *rituais*, nas *imagens*, nos *costumes* grotescos: "As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma **forma primordial, marcante, da civilização humana**(...). As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo". (3)

A problemática cultural no próprio Mattelart mudou no decurso dos anos 70 e 80; deixou o restrito campo dos interesses de uma classe particular das sociedades contemporâneas -o *proletariado*- para incluir formas históricas de longo alcance e pesquisar as variantes culturais interclassistas: étnicas, raciais, nacionais, regionais, religiosas, tribais e de gênero. Nessa nova perspectiva do autor a *cultura popular* não se esgota no problema das classes, ela tem que ser pesquisada nas suas múltiplas formas de manifestação, tanto cotidianas quanto periódicas-simbólicas. Por isto, Mattelart orienta as investigações sobre leitura crítica para estudar, também, a pesquisa literária dos anos 60; em especial sublinha a *Escola de Constança*, particularmente Hans Robert Jauss:

"Jauss funda uma abordagem: a <<**estética da influência e da recepção**>>. Opõe-se à estética da produção e da representação que, segundo ele, caracteriza tanto a abordagem marxista tradicional como a abordagem formalista. Entende por <<**influência**>> a parte devida ao texto na definição da leitura e do consumo que dele faz o leitor, o receptor, o público, indispensável <<**parceiro**>> da obra literária. Por <<**recepção**>>, entende as <<**sucessivas concretizações de uma obra**>>, a relação de diálogo entre o texto e leitor, relação que, em cada época, liberta o potencial semântico-artístico da obra e o inscreve na tradição literária. Mas o leitor pode também ser um fator de conservantismo, na medida em que o seu <<**horizonte de expectativa**>>, formado pelo que foi feito em matéria de literatura, oferece maior ou menor resistência às iniciativas inovadoras do escritor. [destaques meus] (4)

Mattelart estabelece uma relação teórica importante com esta corrente; as relações *receptor* e *emissor*, nessa perspectiva, coincidem com a concepção de Mattelart acerca da necessidade do leitor ser, simultaneamente(5), um produtor de mensagens. Essa questão está presente nele desde seus primeiros anos como pesquisador da comunicação; já em 1965 estava preocupado com a forma como as mulheres das classes trabalhadoras chilenas recebiam as mensagens sobre controle da natalidade, produzidas pelo governo norte-americano e as fundações dos EUA. Logo foi o confronto entre a imprensa liberal e os leitores populares, que Mattelart pensava como uma relação na qual esses meios de comunicação tinham um poder quase total de controle das consciências dos leitores. Depois temos suas análises sobre o consumo de fotonovelas, de revistas femininas e programas de TV. O autor outorgava uma força determinante aos meios na formação de idéias nos públicos das classes médias e

trabalhadoras. A alternativa proposta por Mattelart para contestar esse tipo de produção foi a formação de uma **recepção crítica organizada**, que concebia como uma participação no processo político por meio da construção de um *poder popular revolucionário*.<sup>(6)</sup>

O pensamento do autor com respeito à *cultura* estava profundamente marcado pelas demandas revolucionárias daquela época. Não poderia ter sido de outra maneira, considerando as características pessoais de Mattelart. Era a época da *Guerra Fria* e os povos latino-americanos experimentavam o modelo de agressão norte-americana contra os movimentos populares de libertação.

O mérito de nosso autor, naquele momento, foi vislumbrar a importância da problemática de comunicação nas condições estabelecidas pela revolução tecnológica, que mudara substancialmente os modos e as formas de comunicação social. Se bem Mattelart ficou reduzido a uma concepção radical da participação cultural, sua importância e seu valor foi insistir, argumentar e desenvolver propostas acerca das possibilidades de romper com as relações hegemônicas de comunicação. Sua preocupação pelos trabalhadores logo ampliou-se para uma preocupação pelos *receptores*, seu centramento na *cultura proletária* amadureceu para uma reflexão metodológica sobre as **culturas populares**.

Neste contexto se inscrevem seus estudos sobre *O que é a literatura?* (1947) de Jean-Paul Sartre, de quem salienta sua definição de leitura como "*esforço conjugado do autor e do leitor, que fará surgir o objeto concreto e imaginário que é a obra de espírito*". Estudou, também, *A obra aberta* (1962) de Umberto Eco, na qual este define o papel "**co-criador do leitor e do receptor**", questão essencial para mudar a concepção *autoritária e apocalíptica* do emissor: "*O artista que produz sabe que está a estruturar uma mensagem através do seu objecto: não pode ignorar que trabalha para um receptor. Sabe que o receptor interpretará o objecto aproveitando-se das suas ambigüidades, mas nem por isso se sente menos responsável por esta cadeia de comunicação*".<sup>(7)</sup>

Esse elemento contribui para a compreensão de que os *emissores* têm que considerar na construção das suas mensagens os *leitores, públicos* ou *receptores* aos quais pensam dirigir suas obras. O *receptor* condiciona a mensagem, portanto a mídia deve elaborar seus bens culturais atendendo às características dos públicos potenciais.

Com esses movimentos e opções Mattelart manifesta a transformação de seu pensamento sobre a relação entre *emissor* e *receptor*, abrindo sua concepção dos primeiros anos <sup>(8)</sup> para uma ótica mais abrangente, na qual as relações entre estes pólos da comunicação estão intercondicionados: a *cultura popular* está presente na

indústria cultural. Essas empresas necessitam inserir na sua programação *matrizes culturais* populares, regionais, étnicas e tribais de longa presença histórica, ou de forte significação no contexto cultural contemporâneo como agentes que provocam o interesse dos públicos para o consumo dos seus produtos.

Amadurecendo essa concepção Mattelart estabelece a necessidade da pesquisa de *recepção* resgatando o trabalho dos **Cultural Studies** (9) britânicos, que contribuíram decisivamente para superar as concepções passivas sobre *receptor* nas *teorias críticas*.

Mattelart salienta como uma opção importante o método de **etnografia de audiências**, aplicado por Morley para estudar a recepção familiar de televisão. A procura da compreensão das realidades do *lazer*, do *entretenimento familiar* e as relações deste com o poder familiar, os tipos de leituras, a escolha de programas, os horários de recepção, os diferentes comportamentos frente à recepção, as características de classe, as relações e conflitos de gênero, as diferenças receptivas das gerações foram preocupações que Mattelart resgatou dessa corrente de pesquisa, preocupada em aprimorar os conhecimentos sobre a problemática da *recepção*.

Desde sua primeira fase, como teórico e pesquisador, Mattelart salientou a importância da **antropologia** e de seus métodos para estudar o campo da comunicação social; versando sobre as alternativas metodológicas, cita o antropólogo norte-americano Clifford Geertz para quem:

*A tarefa do antropólogo é descrever a singularidade dos comportamentos e dos discursos desses actores individuais através do que Geertz chama uma <<descrição densa>> (thick description) da ação social; descrição que tenta estabelecer os significados que têm para os actores os seus comportamentos, e enunciar, na base dessas conjecturas, o que depende da vida social. A análise dos sistemas simbólicos não é, pois, uma <<ciência experimental em busca de leis, mas sim uma ciência interpretativa em busca de significações>>. E há que aceitar a condição intrinsecamente fragmentária e incompleta da análise cultural. [destaques meus] (10)*

A descrição detalhada das ações e das linguagens dos atores individuais rompe com o *psicologismo comunicológico* e responsabiliza os antropólogos pelo desenvolvimento de percursos interpretativos, sustentados previamente nas análises descritivas dos processos. Para o campo da comunicação isto é muito importante, porque a *Cultura* não é uma dimensão indefinida; acertadamente Geertz a define como uma **"rede complexa de significações"**, na qual as relações entre enunciados discursivos e comportamentos sociais têm uma significação concreta.

A análise cultural é, contudo, insuficiente para explicar os processos de comunicação; ela não dá conta das questões políticas, econômicas, sociológicas, psicológicas, filosóficas, históricas e semióticas na sua generalidade, por isso Mattelart a considera *fragmentária e incompleta*.

Na história recente, anos 80 e 90 do século XX, esse apontamento é visível nas pesquisas etnográficas dos autores que reduzem a problemática comunicológica aos problemas e características *microssociais*, pensando a sociedade como uma somatória linear de elementos micro. As problemáticas do poder hegemônico global, das relações de classe e da economia-política das comunicações são ignoradas. Os estudos reduzem-se a descrições pormenorizadas de assuntos sem nexos com o histórico e o social:

*O interesse de estudar as leituras e utilizações diferenciadas não deixa qualquer dúvida. Mas é no entanto necessário precisar que esta nova postura se exprime num contexto muito particular, que pode alimentar a confusão. **A recepção e o indivíduo consumidor ocupam um lugar central na concepção neoliberal da sociedade.** Não se trata de um consumidor qualquer, mas do consumidor dito soberano nas suas escolhas, num mercado dito livre. Daí as derivas neopopulistas de algumas teorias da recepção [destaques meus] (11)*

Mas a problemática da *recepção*, das *formas de vida* e da *cotidianidade cultural* foi abordada de forma subversiva pelo metodólogo Michel de Certeau, que é citado por Mattelart em *Pensar sobre los medios* e *História das teorias da comunicação*. Para Certeau o sistema econômico social e seu poder de repressão continuam vigentes, mas a sua capacidade de controle, de informação e de reprodução não é onipotente como nas perspectivas *funcionalistas*, *apocalípticas* e *pós-modernas*.

Reflexionando sobre a problemática da **cultura popular**, Michel de Certeau aponta:

*A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas "populares" desviam para fins próprios sem a ilusão que mude proximamente. Enquanto é explorada por um poder dominante, ou simplesmente negada por um discurso ideológico, aqui a ordem é **representada** por uma arte. Na instituição a servir se insinua assim um estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral, isto é, uma economia do "**dom**" (de generosidades como revanche), uma estética de "**golpes**" (de operações de artistas) e uma ética da **tenacidade** (mil maneiras de negar à ordem estabelecida o estatuto de lei, de sentido ou de fatalidade). **A cultura popular seria isto**, e não um corpo considerado estranho, estraçalhado a fim de ser exposto, tratado e "citado" por um sistema que reporduz, com os objetos, a situação que impõe aos vivos. [destaques meus] (12)*

A *cultura popular* para Certeau não é um fenômeno passivo, um peça folclórica ou de museu. Manipulada livremente pela vontade racionalista do sistema capitalista,

ela tem um *estilo próprio* de estabelecer e organizar relações sociais paralelas ou contra a disciplina da lógica do *capital*. Esta *cultura popular* cultiva uma ética da tenacidade, constatação-chave de Certeau que explica por que é possível a sobrevivência em condições de miséria e exploração. A formulação de Certeau não se limita a esses elementos e dota aos grupos não hegemônicos de um fator dinâmico e ofensivo: sua capacidade de dar golpes, de construir táticas capazes de gerar uma estética própria, de inventar (improvisar) ações e objetos adequados para sua lógica *paraconsistente*. Para a metodologia crítica são fundamentais essas proposições porque permitem definir percursos de pesquisa, considerando as culturas populares como realidades dinâmicas, criativas, com valores diferenciados, com vícios específicos e com uma capacidade de inventar o dia-a-dia que deve ser estudada na sua realização concreta.

Mattelart seleciona de **Michel de Certeau**, para sua história das teorias, um texto publicado no **Le Monde**, de 31 de janeiro de 1978, sobre a **cultura do consumo**:

*A análise das imagens distribuídas pela televisão, dos tempos passados diante do aparelho, das escolhas feitas pelos utilizadores etc., não diz ainda nada sobre o que o consumidor **anda a fazer** durante estas horas e com essas imagens. Ora, aí é que está toda a questão: o que é que anda o nosso freguês a fazer nos espaços impostos da cidade, do supermercado, dos **media**, dos escritórios, etc.? Cada vez sabemos menos, à medida que a extensão totalitária dos sistemas de produção já não deixa aos consumidores um lugar onde deixar marca do que fazem com os produtos e à medida que, participantes na lógica desses sistemas, os aparelhos científicos medem o avanço desses produtos nas redes de uma ordem econômica, **mas ficam cegos sobre o uso que deles fazem os fregueses**. A uma produção racionalizada, tão expansionista como centralizadora, ruidosa e espectacular, **corresponde uma outra produção (qualificada de consumo)**, esperta, dispersa, mas insinuando-se em todo o lado, silenciosa e quase invisível, já que se não assinala com produtos próprios mas na maneira de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. [destaques meus] (13)*

Certeau coloca aqui uma questão metodológica central: a ruptura com as etnografias de audiência que reduzem as análises a descrições detalhadas sobre tipos de imagens, de tempos e programações selecionados. O que interessa para uma metodologia crítica da pesquisa em comunicação são **as maneiras diferenciadas de usar os produtos da mídia**, por essas classes, e a **produção paralela** de bens culturais que esses grupos explorados realizam com os mesmos produtos oferecidos pelo *capital*. A escolha de Michel de Certeau, como autor que completa a reflexão teórico-metodológica de Armand Mattelart sobre a problemática do cotidiano, demonstra sua afinidade com essas posições; suas referências a Certeau datam dos anos oitenta, 80,

*Pensar sobre los medios...*, no capítulo 4. "El retorno del sujeto/ la rehabilitación del sujeto": Con la valorización del sujeto, es el estudio de la vida cotidiana de "lo ordinario del sentido" (según la feliz expresión del antropólogo e filósofo Michel de Certeau), lo que adquiere pertinencia. Como se constituye lo ordinario de la comunicación entre gentes ordinarias, en espacios infraestatales? Cómo negocia cotidianamente el sujeto individual su relación con el poder y con la institución? (14)

A problemática da comunicação para Mattelart com a inserção da *metodologia do cotidiano* aprofunda-se e amplia-se significativamente. O sujeito membro de uma classe de seus primeiros escritos torna-se um sujeito concreto inserido num grupo social, num contexto histórico, numa vida familiar, numa comunidade de vizinhos e em relações *interclassistas* cotidianas. Esses sujeitos estruturam no dia-a-dia complexidades de sentidos, de comportamentos e de construções materiais que devem ser compreendidas pelos comunicólogos.

Mattelart amplia sua perspectiva de conhecimento, porque sua problemática de transformação dos processos, dos modos e das formas de comunicação social não fica reduzida à contradição entre burguesia/proletariado ou às conjunturas pré-revolucionárias. O *vanguardismo* de um partido, ou um bloco, que organizaria a produção cultural revolucionária é superado mediante a construção de uma concepção que afirma a existência de *culturas populares*, independentemente da vontade, dos planos, dos programas ou dos desejos dos militantes de esquerda.

Metodologicamente, Mattelart afirma a importância do estudo comunicológico do **sujeito** sem restringir essa pesquisa só aos sujeitos transcendentais (figuras históricas); é importante, seguindo a linha de pesquisa de Certeau, conhecer os indivíduos "ordinários", pois são estes que constituem a grande massa que conforma as classes sociais subalternas, que produzem uma cultura qualificada por outros parâmetros e valores, distintos da lógica do mercado e do lucro.

Estudar os processos de *recepção* é uma linha metodológica que Mattelart valida numa perspectiva de pluralidade desde os anos 80; foi assim como definiu o "**placer popular como revelação**", como ruptura epistemológica-chave:

*"Plantear el problema a partir del público se convierte en un imperativo que se impone con tal fuerza de evidencia que llega uno a preguntarse cómo ha sido posible descartar, durante tanto tiempo y de forma tan generalizada, el factor más íntimo de la industria del entretenimiento. (15)*

O público, os sujeitos, deixam de ser elementos inconscientes quase totalmente manipulados para tornar-se **objeto qualificado, essencial, de estudo da**

**comunicologia.** Reconhecer essa importância foi uma questão crucial para as correntes críticas em comunicação fortemente influenciadas até os anos 70 pela *Escola de Frankfurt*, na sua versão Adorno-Horkheimer. Na década de 80 Mattelart poderia ter optado pela linha *pós-modernista* apologista do poder onímodo da tecnologia, poderia ter continuado com o esquema *estruturalista* e seus esquemas "sólidos" e imutáveis, poderia ter assumido um radicalismo marxista de forma, epidérmico, mas ele continua sua linha revolucionária de pensador crítico questionando suas próprias proposições, suas linhas de estudo, seus paradigmas teóricos, seus comportamentos militantes e suas cosmovisões. E é assim que consegue combinar a consequência revolucionária com uma transformação importante de seu pensamento, ampliando-o significativamente e deslocando-o em pontos considerados imutáveis ou descartáveis segundo seja opção dos oportunistas ou dos sectários, variantes que proliferaram a partir da década de 80. A coragem de nosso autor foi realizar uma revolução interna sem cair na saída fácil do diletantismo intelectual da corrente *pós-moderna* ou na prostituição intelectual dos *funcionalismos* de toda espécie.

Foi nessa linha de investigação que Mattelart pesquisou a telenovela e as indústrias de televisão brasileiras na segunda metade dos anos 80; metodologicamente se questionava sobre as limitações dos métodos estatísticos e da *economia-política* que aplicara em anos precedentes:

*"Tanto quanto de uma economia política do mercado televisivo e da produção audiovisual, não se necessita cada vez mais de uma antropologia política desse mesmo mercado? Esta antropologia restabeleceria a conexão entre o mercado e a experiência vivida, concreta e conflituosa dos grupos sociais, seus interesses, seus gostos autênticos ou impostos, em evolução espontânea e/ou controlada. Foi em vão que o mercado lutou para se tornar o padrão-ouro da internacionalização das economias e das culturas e o vetor de universalização, uma vez que os mercados não são todos intercambiáveis. Se a busca do bom desempenho na era eletrônica tende a ditar uma nova utopia comum -a utopia pragmática-, cada sociedade tem sua própria maneira de chegar a ela, através da história particular das relações entre a cultura instituída e as culturas populares, entre a racionalidade industrial e o simbólico. [destaques meus] (16)*

Como um cientista consagrado nas investigações sobre o poder transnacional da mídia, Mattelart permeneceu apenas nessa problemática, alcançando seu pensamento em comunicação um caráter. Concebeu as relações entre *mercado global* e *formas de vida*, redefinindo o sistema do lucro como o elemento hegemônico da economia mundial, mas não como o *todo absoluto* da vida social e cultural. O mercado capitalista existe sim, condiciona enormemente a vida das pessoas na Terra também, mas não

todo é *mercado*, não todo é *lucro*. As culturas populares, as atividades econômicas de apoio, de subversão e de exclusão negam esse mercado. As relações sociais solidárias entre membros de comunidades urbanas, indígenas e rurais estão fora da lógica do *capital*. As invenções táticas dos *golpes*, da *astúcia*, da *generosidade*, da *tenacidade*, no sentido de Certeau, comprovam como simultaneamente à lógica do mercado existem outras lógicas *underground* ou de festa, que constituem um contraponto essencial aos objetivos da exploração humana.

As *metodologias críticas* apreciando essas "descobertas reflexivas" precisam desenvolver modelos de pesquisa condizentes com a problemática do *cotidiano*, das *culturas populares* e das *relações sociais* que estão fora da lógica do *capital*. A inserção de autores como Michel de Certeau, Antonio Gramsci, Walter Benjamin, David Morley, Stuart Hall, Jean-Paul Sartre, Umberto Eco, Hans Robert Jaus e Mikhail Bakhtin para apresentar proposições metodológicas importantes demonstra a importância que Mattelart outorga a esse tipo de pesquisas e sua afinidade teórico-metodológica com as perspectivas de pesquisa desses autores. Simultaneamente comprova a capacidade de nosso autor para trabalhar a dimensão epistemológica do campo selecionando fundamentos, categorias, redes conceituais, problemas, perguntas e experiências de investigação que aprofundam e ampliam os saberes em comunicação social.

Mattelart, no percurso de sua história como pesquisador e teórico da comunicação social, desenvolveu vários métodos de trabalho; num primeiro momento as análises da imprensa liberal, de revistas e publicações comerciais no Chile são estruturadas mediante aplicações básicas da **semiologia-estruturalista** francesa. Considero este como o ponto mais fraco do trabalho metodológico do autor, porque o paradigma semiológico foi abordado sem a devida atenção, produzindo textos esquemáticos como o comentadíssimo *Para leer al Pato Donald* (17), que sintetiza uma forma *mecanicista* de conceber as relações entre mensagem, receptores e contexto. O *Pato Donald* nesse texto é um "agente imperialista" onisciente e todo-poderoso que manipula as consciências simples dos públicos dos países dominados.

Mattelart demonstrou muito mais domínio e aprofundamento teórico-metódico nos seus textos **político-ideológicos-linha de pesquisa** em que atualiza, constrói, reformula e critica os conhecimentos *marxistas* acerca da problemática da comunicação. Foi um inovador revolucionário das proposições *funcionalistas* e *dogmáticas* dentro da esquerda latino-americana e mundial. Seus livros *La comunicación masiva en el proceso de liberación* (1973), *Cultura y comunicaciones de masa* (1975), *Frentes culturales y movilización de masas* (1977) e *Comunicación y nueva hegemonia* (1981) são uma amostra significativa do trabalho do autor na elaboração de

uma *teoria crítica* revolucionária da comunicação social. Questões como: "La naturaleza de la actividad comunicativa de la burguesía y del imperialismo: los fetiches, la ideología tecnocrática, anarquía comunicativa y lucha de clases"; "El cerco de la libertad de prensa burguesa"; "El autoritarismo de la comunicación: la verticalidad del mensaje, el lenguaje de la manipulación"; "La devolución del habla al pueblo: las células de información, los talleres populares, el fin de las representaciones ficticias, formatos connotados, determinismo tecnológico, el fin de los representantes ficticios"; "Una nueva noción de política, la crítica de la cultura, la solidaridad del Tercer Mundo, un frente cultural amplio, una praxis concreta"; "El cambio del modo de producción de la cultura: la reconciliación de la práctica y la teoría, el hombre atomizado de la burguesía, socializar el hombre, crítica y recuperación de una cultura, la lucha de clases en el material comunicativo, la cultura militante-cultura cotidiana de tránsito, creación y partido" (18), foram parte substancial da problemática crítica de comunicação nos anos 70. A linha metodológica **político ideológica** de Mattelart nessa dimensão foi muito mais rigorosa e sistemática, demonstrou um conhecimento aprofundado dos postulados marxistas *estruturalistas*, *leninistas* e *clássicos* e tornou-se um paradigma de pensamento e procedimentos de importantes setores da esquerda latino-americana.

Uma **terceira linha metodológica** desenvolvida por Armand Mattelart desde seus primeiros anos é a **economía política dos sistemas e meios de comunicação**; nessa dimensão o autor produziu e produz conhecimentos invaloráveis acerca da configuração transnacional do sistema capitalista no campo da comunicação social. Suas pesquisas desenvolveram num primeiro momento a *teoría do imperialismo* de Lenin, elaborando mapas, quadros de relações, estruturas sistêmicas, formatos estratégicos e áreas de influência das transnacionais capitalistas na área de comunicação. Mattelart apresenta uma rica bagagem de fontes de informação capitalistas, trabalhando para esse tipo de texto com os documentos das próprias transnacionais, do *Pentágono*, do congresso e governo dos EUA, dos projetos das universidades e instituições ligadas com a comunicação e, finalmente, com análises de autores e especialistas desses assuntos. A pesquisa documental de Mattelart sobre essa problemática é de muito valor para o conhecimento da *economía política* internacional da comunicação. Seus livros *Agresión desde el espacio. Cultura e napalm en la era de los satélites* (1972), *Multinacionales y sistemas de comunicación* (1977) e *Comunicação mundo/ história das idéias e das estratégias* (1994) constituem um corpus expressivo dessa linha de pesquisa. Mattelart é coerente com a tradição científica crítica e apresenta os dados por meio das fontes originais; lamentavelmente o trabalho de

formulação de inferências a partir dos dados de pesquisa apresenta problemas na primeira época pela concepção *mattelartiana* desse período, que pensava o processo histórico num sentido progressivo e caracterizava a problemática cultural de forma restringida.

A **quarta linha metodológica** trabalhada por Mattelart é a **epistemológica**, que foi amplamente analisada na primeira parte deste capítulo. Contudo, é importante lembrar que Mattelart é um pesquisador incansável, sua tenacidade científica e seu compromisso ético revolucionário definem um comportamento crítico e autocrítico sistemático. Seu olhar é um olhar metódico, ele é um questionador insistente dos elementos-chave dos problemas, simultaneamente é um construtor de elementos cruciais das problemáticas comunicológicas. Sua dimensão epistemológica é central como descobridor de idéias, trajetórias, conceitos, utopias, teorias, fundamentos, paradigmas, escolas, comunidades e autores no contexto internacional da comunicação. Em Mattelart, o estudante, o pesquisador, o metodólogo e o cientista social encontram pistas fundamentais sobre o campo da comunicação. Concomitantemente, em suas obras os estudiosos defrontam-se com construções teórico-metodológicas que apresentam uma capacidade de síntese, de configurar nexos, vínculos, relações, de estabelecer diálogos e debates, de quebrar a lógica linear estruturo-funcionalista e de orientar acerca de percursos interessantes e modelos transcendententes.

A **quinta linha metodológica** elaborada por Mattelart é a **pesquisa histórica da comunicação**; nessa perspectiva contribuiu e contribui substancialmente para o conhecimento das origens, das idéias, das estratégias, das comunidades de pensamento e dos modelos conceituais e de procedimentos construídos para pensar a comunicação social durante os dois últimos séculos.

As noções, os conceitos, as proposições e os paradigmas perdem o caráter retórico *naturalista*, do discurso funcional, na análise de Armand Mattelart. Os objetos e sujeitos pesquisados têm uma história; por meio dessa metodologia podemos nos aproximar das características familiares, comunitárias, classistas, nacionais, políticas, culturais, econômicas, religiosas, filosóficas e pessoais dos autores investigados. Os pensamentos, em Mattelart, não são simplesmente idéias abstratas, são produtos socioculturais que manifestam na dimensão gnosiológica e estética questões e problemas expressivos da sua época, tanto na afirmação da sua contemporaneidade quanto na sua negação. (19)

Nessa perspectiva é fundamental a relação que Mattelart define entre o desenvolvimento das revoluções tecnológicas a partir de finais do século XVIII e a

criação de meios e instrumentos de ampliar a comunicação humana. O *capital* não poderia ter se estruturado mundialmente sem essa condição *sine qua non*. O *iluminismo* e posteriormente o *positivismo*, o *evolucionismo* e o *funcionalismo* precisaram na sua trajetória das condições e dos suportes materiais oferecidos pelas novas realidades culturais e materiais. Para Mattelart a constituição de um campo de pensamento sobre a comunicação social só foi possível pelas transformações históricas que a *modernidade capitalista* trouxe ao mundo. Sua afirmação segue a linha epistemológica geral que concebe a ciência como produto histórico das formas de vida hegemônicas fabricadas nos dois últimos séculos.

É importante sublinhar que essas proposições não estão negando a existência de conhecimentos científicos como a geometria de Euclides, a matemática de Pitágoras, a lógica de Leibniz, a física de Galileu, a álgebra de Descartes e a física de Newton; estes e outros conhecimentos essenciais para a humanidade foram o produto de modos de produção dos saberes extremamente adversos para o desenvolvimento desses trabalhos específicos. A grandeza desses gênios está sustentada em boa parte pela sua extrema capacidade de superar situações de atraso econômico e social, produzindo conhecimentos de tão elevada complexidade e sabedoria.

Na história dos conhecimentos a respeito da comunicação social são cruciais os pensamentos de Aristóteles; sua *Retórica* inspira essencialmente o modelo *funcionalista*, por exemplo. Como negar a importância de um Maquiavel para a *pragmática* da linguagem? Contudo, esses autores não tiveram como centro de suas reflexões a problemática da comunicação humana. A comunicação estava presente de uma forma secundária em relação a outras problemáticas filosóficas. Seriam as profundas mudanças tecnológicas, culturais, sociais e econômicas do século XIX a permitirem as primeiras reflexões centradas na problemática comunicológica. Foi preciso que esperássemos até as décadas de 20 e 30 deste século para começar a ter estudos sistemáticos, contínuos, específicos e organizados institucionalmente sobre os processos de comunicação social . (20)

A pesquisa histórica para Mattelart permite questionar dois modelos que possuem muita força no contexto contemporâneo da comunicação: o *comunicacionismo*, que ele define como um tropismo inebriante, que tenta inserir na comunicação toda problemática central das sociedades, situando-a como eixo determinante das *formações sociais*. E a filosofia *pragmatista*, que ampliou a partir dos anos 80 as formas de pensar, pesquisar e realizar a comunicação social.

Na realização de seu método histórico Mattelart partiu do estudo do presente, construindo sua pesquisa: *Comunicação mundo/ história das idéias e das estratégias*,

em que versa acerca da problemática da **guerra**: redes técnicas de comunicação; multidões; as forças armadas e a pesquisa em comunicação e as grandes guerras mundiais e o desenvolvimento de tecnologias e métodos de investigação em comunicação; o choque das ideologias e as escolas da astúcia . A problemática do **progresso**: as metamorfoses conceituais, o otimismo modernizante do capitalismo hegemônico; a regulação internacional da informação e comunicação. Finalmente a problemática da **cultura**: a função básica do Estado; o predomínio da geoeconomia: a busca da cultura global; mediações e mestiçagens: a desafronta das culturas. [destaques meus] (21)

A *globalização* é estudada nas suas vertentes teóricas militares, políticas, financeiras, geopolíticas e sociológicas, explicitando de maneira aprimorada os elementos, os processos, as ideologias, os projetos, as estratégias, os paradigmas políticos e de pensamento que sustentam o modelo global capitalista de organização do mundo.

Mattelart partiu do presente para formular suas perguntas-chave, porque para ele a motivação teórica, a transcendência social, o valor histórico e a coerência ética estabelecem um estreita relação entre produção de conhecimentos e militância transformadora.

Guerra, progresso e cultura foram a linha central de pesquisa e reflexão, desenvolvida pelo autor para iniciar a construção de sua história da *comunicação mundo*. O contexto histórico do século XX esteve marcado profundamente pela **guerra**, não seria possível caracterizar esse período sem estruturar uma compreensão séria sobre esse tipo de atividade humana; como sublinha Eric Hobsbawm foi uma "*Era dos extremos*". (22) Morreram dezenas de milhões de pessoas: calcula-se que 10 milhões na Primeira Guerra e 50 milhões na Segunda. Centenas de milhões de pessoas tiveram suas vidas violentadas e transtornadas pela violência racionalmente planejada e executada. As operações de guerra afetaram quatro dos cinco continentes habitados da Terra, só a América foi excluída. Bilhões de pessoas sofreram os efeitos da *guerra total*. Os extremos de genocídio, tortura e toda classe de aberrações humanas foram praticados por parte das civilizações mais avançadas tecnologicamente e com melhores níveis de educação do planeta.

Para nós, no campo comunicológico, é fundamental o desenvolvimento da *psicologia de guerra*, das *estratégias de propaganda*, das *tecnologias de informação* e da *aplicação sistemática de pesquisas* que trabalharam a problemática da comunicação de massa, da comunicação de grupos, do uso dos meios em situações extremas e do desenvolvimento de modos de comunicação com um aprimoramento estético e

tecnológico impressionantes: cinema alemão e norte-americano, por exemplo. A guerra condicionou a invenção de máquinas e procedimentos para informar que logo seriam aplicados à vida pacífica. A Segunda Guerra Mundial marcaria o começo da função decisiva das tecnologias nos teatros de combate, hoje (1998), depois de passar pela Guerra do Golfo sabemos como essa tendência foi ampliada pelas potências hegemônicas.

Mattelart, nos anos 60 e 70, estudou pormenorizadamente as estratégias do *complexo militar-industrial* dos EUA e sua ação autoritária no conjunto do planeta. As loucuras psicopáticas desenvolvidas pelos instrutores do *Pentágono* contra os povos do Vietnã, de El Salvador, da Nicarágua, da Guatemala, da Argentina, do Panamá, de Cuba, da Colômbia, da Palestina, de Angola, da Líbia, da África do Sul, da Namíbia e de todos aqueles povos que lutaram e lutam pela sua dignidade e independência econômica demonstram a continuidade dessa *racionalidade instrumental anti-humana*, que não aceita as diferenças quando questionam, na essência, o *sistema capitalista* ou o poder hegemônico dos EUA no mundo.

A guerra sintetizou em poucos anos a capacidade de invenção e de destruição dos poderosos; as tecnologias eletrônicas contemporâneas, os jogos de vídeo domésticos e de computador foram aplicados primeiro nos conflitos. A cibernética desenvolveu-se tão rapidamente pelas necessidades de confronto com o inimigo e de controle das populações próprias; o projeto de *guerra das galáxias* de Reagan foi uma amostra paradigmática da loucura militarista que propiciou o desenvolvimento tecnológico. As comunicações via satélite, que atualmente nos permitem a ligação quase instantânea com todos os lugares do planeta, não teriam a dinâmica e a aceleração que têm se a URSS não tivesse forçado a competição científico-técnica.

Portanto, a *guerra* constitui um elemento crucial para compreender o processo de estruturação das atuais redes de informação e comunicação, suas concepções teóricas e seus procedimentos metódicos.

O paradigma do **progresso**, amplamente estudado por Mattelart a partir do século XVII, foi aprofundado com mais minuciosidade em *Invenção da comunicação*, obra em que constrói uma "arqueologia de saberes" por meio de quatro histórias paralelas com "numerosas encruzilhadas e atalhos". Nas palavras de Mattelart:

*a primeira trata da domesticação dos fluxos e da sociedade em movimento. Procura compreender como as idéias de progresso e de sociedade perfectível acompanham o nascimento da comunicação moderna (...). A segunda aborda o lugar que a comunicação ocupa na concepção e no fabrico da ligação universal. Remonta às fontes das primeiras formulações sobre as redes de comunicação como utensílio de um globo solidário, e avalia o desfasamento crescente entre as promessas e os factos, entre as doutrinas e as políticas (...)*  
**a noção de mediação e de negociação surge nos palcos das relações internacionais e interculturais (...).** A terceira história debruça-se mais

particularmente sobre **o espaço**, o que representa, de facto, traçar a **genealogia das visões geopolíticas da comunicação** (...). Chega finalmente a **história de uma normalização, do aparecimento do indivíduo calculável** (...). É, em primeiro lugar, a invenção do <<homem médio>> (...). É, em seguida, a constituição dos saberes sobre o corpo nos seus movimentos de cronofotografia aperfeiçoada (...). Este quarto ponto é também um culminar, uma vez que **a medida, a contagem e o registro** são, desde as primeiras manifestações da <<**razão estatística**>>, traços recorrentes do longo processo de construção do modo de comunicação moderna. [destaques meus] (23)

Mattelart desenvolveu nestas histórias os **nexos fundamentais** entre **teoria da comunicação e a criação da matemática e a biologia social**. O homem pensado como mercadoria e como força produtiva tornou possível o desenvolvimento de pesquisas acerca das possibilidades de melhorar essa "máquina biológica", mediante o estudo de suas características estruturais internas e do cálculo de seus movimentos e ações de trabalho. A *medida, o registro e a contagem* têm em Mattelart uma coerência fundamental com relação ao funcionamento do sistema capitalista. Os conceitos de *homem médio*, de *homem massa*, de *público*, de *líderes de opinião* e outros que procuraram classificar as pessoas em grupos funcionais aos mecanismos de controle, produção e comportamento "normal". A *razão estatística* é parte importante da *razão instrumental*, do racionalismo produtivista do Ocidente que considera o homem como um "objeto-máquina-atômato", que deve desenvolver suas capacidades exclusivamente para produzir mais *lucro* para a empresa ou o conglomerado no qual sobrevive. Depois de um século de experiências, o *taylorismo* reformulado e aperfeiçoado mediante ideologias populistas, democratistas e neoliberais só tem demonstrado que sua estratégia visa aumentar a exploração do trabalho e maximizar a obtenção de lucro para os capitalistas.

Mattelart estrutura sua história acerca da *domesticação dos fluxos e da sociedade em movimento*, porque foi a transformação radical das *formações sociais* feudais com hierarquias, normas e limitados movimentos formais em estruturas sociais burguesas, liberais, inspiradas na ideologia das Luzes, sustentadas pelas revoluções tecnológicas e econômicas que tornou possível a modernidade capitalista. Pesquisar a relação entre a história econômico-social e a história das idéias em comunicação permitiu a Mattelart caracterizar adequadamente a participação da *fisiocracia*, o *evolucionismo*, a *anatomia política* e a *aritmética social* na constituição de proposições e raciocínios a respeito da problemática de comunicação. A necessidade de **transportar** objetos-mercadorias e pessoas-mercadorias para regiões distantes do seu lugar de origem, para dinamizar o mercado, desenvolver a indústria, revolucionar a renda do solo e reformular radicalmente a organização social, o Estado e os poderes ideológicos levou a fabricar redes de comunicação que permitissem os fluxos necessários para a

configuração de mercados nacionais e internacionais coerentes com a *lógica acumulativa do capital*.

Na perspectiva de Mattelart, não é possível entender o presente comunicológico sem situá-lo no processo histórico que esclarece seus nexos com problemáticas sociais e filosóficas gerais e seus vínculos com problemas desenvolvidos pelos modelos de pensamento do que hoje conhecemos como ciências sociais e humanas.

É esclarecedora a história de nosso autor sobre a construção de ideologias industrialistas que universalizam as utopias do progresso, da civilização das máquinas, das associações universais, do evolucionismo e do positivismo. Mattelart situa Saint-Simon e o saint-simonismo como precursores paradigmáticos das noções de *redes técnicas*, de *mediação* e de *negociação*; as grandes *Exposições Universais* são um modo-chave de comunicação internacional e intercultural. Nesse *lugar* construído para o encontro dos saberes, dos inventos e das pessoas inicia-se um modelo de informação e comunicação que no século XX seria aproveitado pelas empresas transnacionais para divulgar seus produtos, transformando-se as feiras e exposições num elemento importante das estratégias de marketing. No começo foram exposições para comunicar os avanços técnicos e científicos, os logros produtivos das máquinas industriais; logo foi o mercadeio, a negociação. Os espaços planejados, programados, valorizados, montados e desenhados por especialistas em comunicação, publicidade e estética servem como *mediação*-chave entre as empresas e o público.

Para pesquisar o campo teórico da comunicação, Mattelart escolhe a problemática da configuração das problemáticas de *mediação* e *negociação* como uma das quatro histórias principais para elaborar sua *Invenção da comunicação*. Seu choque epistemológico dos anos 80 impôs-lhe a necessidade de investigar e refletir acerca desses problemas; sua opção metodológica foi a epistemologia histórica e genética das idéias e das estratégias.

Por isso sua quarta história fundamental: *as visões geopolíticas da comunicação*. Como a ciência do espaço e de seu controle vinculou-se profundamente com os conceitos e processos de comunicação? Mattelart estabelece os nexos essenciais entre nosso campo e a *nova hierarquização do mundo* desenvolvida pelo capitalismo. Estuda as relações entre estratégias de divulgação religiosa, centros culturais dos países hegemônicos, campanhas militares e informações secretas. A *Ordem Informativa e de Comunicação Internacional* estabelecida por *Ocidente*, foi amplamente refletida, criticada e reformulada em teoria nos anos 70. Mattelart é um dos autores que mais contribuiu para denunciar o controle geopolítico dos sistemas, dos meios, das indústrias

e dos fluxos de informação no mundo. O confronto entre as posições críticas e as políticas do governo dos EUA, país que controlava mais de 70% da circulação de informações naquela época, terminou com a vitória do conservadorismo que mantém a mesma ordem até finais deste século. O controle dos espaços estratégicos internacionais para a geração de lucro precisou, em todas suas fases, da formulação de políticas de informação funcionais aos objetivos hegemônicos.

Armand Mattelart é um dos mais destacados **historiadores** internacionais do campo das teorias, dos métodos, das estratégias, das culturas, das idéias, das políticas, dos sistemas e das tecnologias de comunicação. Tem aprofundado, também, os conhecimentos econômicos trabalhando uma **economia política** específica sobre a problemática dos meios, das formas, dos modos de comunicar que configurou um quadro de relações substanciais dos processos internacionais de informação e comunicação contemporâneos. Mattelart é da mesma forma um relevante **sociólogo da cultura**, que tem estudado as principais problemáticas culturais vinculadas com a comunicação; são singularmente importantes suas pesquisas metodológicas acerca das propostas de Antonio Gramsci sobre as culturas nacionais e populares, de Walter Benjamin sobre a estética da época industrial, dos *Cultural Studies* ingleses acerca das culturas operárias e de recepção dos meios, do *Colégio Invisível* sobre a problemática do *espaço* em comunicação, de Paulo Freire a respeito da profunda relação entre comunicação e educação, de Michel de Certeau acerca da crítica às estratégias *ortodoxas* e *totalitárias* sobre a *cultura cotidiana*. Finalmente, Armand Mattelart é um eminente estrategista político do campo comunicacional, tendo desenvolvido durante as três últimas décadas numerosas pesquisas e estudos a respeito das políticas internacionais de informação; sua crítica às estratégias norte-americanas é especialmente transcendente pela riqueza dos seus dados e a profundidade das suas reflexões.

Posso afirmar com base nas minhas pesquisas da obra desse autor e do seu percurso histórico no campo comunicológico que ele constitui um **autor-paradigma**, um **fundador** (24) de proposições fundamentais para as teorias críticas e os métodos transformadores na América Latina e no contexto internacional.

Suas sistematizações sobre as problemáticas abordadas são um exemplo de trabalho sério, de tenacidade, de compromisso ético com a humanidade e com o conhecimento, situação raramente observada no contexto comunicológico.

Transdisciplinaridade teórico-metodológica, posicionamento crítico radical, pluralidade de perspectivas e diálogos, trabalho incansável e militância conseqüente caracterizam a este grande mestre de nosso tempo.

## NOTAS

(1) Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre é doutor em ciências da comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor-pesquisador do PPG em comunicação da UNISINOS. Coordenador do GT-Teoria da Comunicação da INTERCOM. Autor de importantes textos como **Geopolítica da informação transnacional: o caso centro-americano** (FACSO-Quito:1991) e **Pesquisa teórica em comunicação na América Latina (...)** (ECA-USP: 1999). ❧

(2) Armand & Michèle Mattelart, **História das teorias da comunicação**, op. cit., pp. 121-122. O autor utiliza para estas reflexões **Le Marxisme et la philosophie du langage** (1929), Paris, Minuit, 1977. Sobre este problema considero importante o capítulo 9 deste livro de **Bakhtin**, "O discurso de Outrem": *O problema do diálogo começa a chamar cada vez mais a atenção dos lingüistas e, algumas vezes, torna-se mesmo o centro das preocupações em lingüística. Isso é perfeitamente compreensível, pois, como sabemos, a unidade real da língua que é realizada na fala (Sprache als Rede) não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo.* O estudo fecundo do diálogo pressupõe, entretanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da **recepção ativa do discurso de outrem, e é essa recepção, afinal, que é fundamental também para o diálogo.** (...) *A língua não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes. Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto apresenta tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante ora outra. O que isto atesta é a relativa força ou fraqueza daquelas tendências na interorientação social de uma comunidade de falantes, das quais as próprias formas lingüísticas são cristalizações estabilizadas e antigas: **Marxismo e filosofia da linguagem**, São Paulo, HUCITEC, 1995, pp. 145, 146 e 147.*

❧

(3) Mikhail Bakhtin, **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento/ o contexto de François Rabelais**, 2a. ed., Brasília, Ed. UNB, 1993, p. 7. ❧

(4) Armand & Michèle Mattelart, **História das teorias da comunicação**, op. cit., p.122. Mattelart recomenda **Literaturgeschichte als Provokation** (1970), de Hans Robert Jaus; **Der Implizite Lesser** (1972) e **Der Akt des Lessens** (1976), de Wolfgang Iser como textos essenciais para trabalhar esta corrente metodológica da recepção. ❧

(5) Armand Mattelart, **La comunicación masiva en el proceso de liberación**, 7ª. ed., México, Siglo XXI, 1980, p. 20 (1ª. ed., 1973, tradução minha): *"De Lenin retemos também que para construir uma nova forma de comunicação é necessário que o receptor organizado passe a ser também emissor de seu próprio acontecer.* ❧

(6) Idem, ibidem, p. 20: *Las formas como la burguesía ha colonizado el campo de la comunicación en la experiencia concreta nos ha enseñado a revitalizar las tesis leninistas sobre la prensa obrera. Lenin sostenía principalmente que la prensa revolucionaria debería discernir sobre el nivel de conciencia de sus lectores y en esa medida recomendaba diversas formas de comunicación según este criterio (...). Lenin desterraba cualquier ilusión respecto de un receptor que se despoja de su condición de clase y se diluye dentro de la opinión pública.*

Idem, ibidem, pp. 258-261: *Toda generación de un poder cultural proletario es progresiva y toda participación de los trabajadores directos en el control del proceso productivo requiere, para ser efectiva, una elevación del nivel de conciencia y un aprendizaje de la crítica, sobre todo cuando se trata de una empresa que elabora productos culturales. De no observar este requisito, la participación en la "toma de decisiones" se torna un absurdo formalismo democrático. (...) En efecto, no es posible aislar el problema de la "participación cultural" del problema de la creación del poder obrero en todos los niveles. De prevalecer la norma del capitalismo de Estado en el resto de la economía, por ejemplo, no puede existir un campo de "participación cultural" que sea regido por un concepto genuino de poder obrero. Si así no fuera, volveríamos a concebir la cultura como un "divertimiento" alienante, yuxtapuesto a la vida cotidiana de trabajo y, en este marco, toda participación en la discusión de los bienes culturales, o en la creación de un teatro obrero, de periódicos de fábrica, se vería reducida a ser una política de enclave reformista. **La condición esencial para que el pueblo pueda ser gestor de su propia cultura es que haya participación de los trabajadores en el control del proceso productivo.** [Destiques em negrito são meus] ❧*

(7) Citado por Mattelart na p. 123 da **História das teorias da comunicação**. Não coloca a página do texto de Eco e na sua bibliografia consta a edição francesa **L'oeuvre ouverte**, Le Seuil, Paris, 1965. ❧

(8) Armand Mattelart, **Frentes culturales y movilización de masas**, Barcelona, Anagrama, 1977, pp.32-33: *Por esto, siempre se vuelve al mismo problema: la izquierda, al heredar el aparato ideológico de la burguesía, quedó de hecho atrapada por este marco legalista en el que se debatía. Romper con este modo de producción de la comunicación implicaba una redefinición del receptor, una ruptura con la teoría burguesa del <<receptor pasivo y medio>> con el fin de abrir, en el campo de la comunicación, un camino nuevo para el poder popular.* ❧

(9) Idem, ibidem, p. 123: *No prefácio da obra de David Morley, **Family television, Cultural Power and Domestic Leisure**, publicada em 1986, Stuart Hall escreve: <<As concepções monolíticas do espectador, da audiência ou da própria televisão estão aqui deslocadas - definitivamente assim o esperamos- pelo novo acento posto na diferença e nas variações. O que Morley começou a realizar é a cartografia das variações devidas aos factores que revolvem os contextos sociais da recepção. O que os mapas revelam, em suma, são as interações finas entre o sentido, o prazer, a utilização e a escolha.>>.* ❧

(10) Armand & Michèle Mattelart, **História das teorias da comunicação**, op. cit., p. 125. ❧

(11) Idem, ibidem, p. 127: *"Isto é o que parecem ignorar, na sua jubilação de verem desmoronar-se os postulados de uma sociologia do poder e da reprodução social, os investigadores que não hesitam em escrever: <<Os programas são produzidos, distribuídos e definidos pela indústria. Os textos são o produto dos seus leitores>> [Fiske, 1987: Television Culture, Londres, Methuen]".* ❧

(12) Michel de Certeau, **A invenção do cotidiano/ 1. Artes de fazer**, Petrópolis, RJ, Vozes, 1994, pp. 88-89 (**L'invention du quotidien- 1. arts de faire**, Éditions Gallimard, 1990). ❧

(13) Armand & Michèle Mattelart, **História das teorias da comunicação**, op. cit., pp. 129-130. ❧

(14) Idem, **Pensar sobre los medios/ Comunicación y crítica social**, op. cit. ❧

(15) Idem, ibidem, p. 119. ❧

(16) Idem, **O carnaval das imagens**, São Paulo, Brasiliense, 1989, pp. 8-9 ❧

(17) Armand Mattelart & Ariel Dorfman, **Para leer al Pato Donald**, Valparaíso, Chile, Ed. Universitarias, 1972. ❧

(18) Armand Mattelart, **La comunicación en el proceso de liberación**, op. cit., pp. 27-144. ❧

(19) "(...) como diz Sartre referindo-se aos grandes sistemas filosóficos, **'são insuperáveis enquanto o movimento histórico de que são expressão não tiver sido superado'**". Citado por Ma. Immacolata Lopes na p. 33 do livro **Pesquisa em comunicação/ Formulação de um modelo metodológico**, tomado de Jean-Paul Sartre, **Questão de Método**, São Paulo, DIFEL, 1966, p. 12: *"Deste modo, os "revisionismos" não passariam de um truismo porque não tem sentido readaptar uma teoria viva ao curso do mundo: "Ela se lhe readapta por si mesma através de mil iniciativas particulares, pois não se dissocia do movimento da sociedade. Aqueles mesmos que se acreditam os porta-vozes mais fiéis de seus predecessores, apesar de sua boa vontade, transformam os pensamentos que desejam somente repetir; os métodos modificam-se porque são aplicados a objetos novos".* [Destques em negrito são meus] ❧

(20) Da parte funcionalista estava a *Mass Communication Research*, no setor crítico europeu a *Escola de Frankfurt*, nos EUA o futuro *Colégio Invisível*, na Alemanha hitleriana os paradigmáticos modelos de Goebbels, na Itália fascista as formulações de Gramsci sobre a literatura e as culturas populares. Sem ter concentrado seus estudos na problemática da comunicação são paradigmáticas as proposições de Vladimir Ilich Ulianov, Lenin, sobre a imprensa e a organização revolucionária e a necessidade da revolução cultural. ❧

(21) Armand Mattelart, **Comunicação mundo/ história das idéias e das estratégias**, op.cit.❧

(22) Eric Hobsbawm, **A era dos extremos/ o breve século XX (1914-1991)**, op. cit., pp. 15-16: *Como iremos compreender o Breve Século XX, ou seja, os anos que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial ao colapso da URSS, que, como agora podemos ver retrospectivamente, formam um período histórico coerente já encerrado. Não sabemos o que virá a seguir, nem como será o segundo milênio (no texto está escrito segundo, mas é óbvio que deve ser o seguinte milênio) embora possamos ter certeza de que ele terá sido moldado pelo Breve Século XX. Contudo, não há como duvidar seriamente de que em fins da década de 1980 e início da década de 1990 uma era se encerrou e outra nova começou (...)a estrutura do Breve Século XX parece uma espécie de tríplice ou sanduíche histórico. A uma **Era da Catástrofe**, que se estendeu de 1914 até depois da Segunda Guerra Mundial, seguiram-se cerca de 25 ou trinta anos de extraordinário crescimento econômico e transformação social, anos que provavelmente mudaram de maneira mais profunda a sociedade humana que qualquer outro período de brevidade comparável. Retrospectivamente, podemos ver esse período como uma espécie de **Era de Ouro**, e assim ele foi visto quase imediatamente depois que acabou, no início da década de 1970. A última parte do século foi uma nova era de descomposição, incerteza e crise, com efeito, para grandes áreas*

do mundo, como a África, a ex-URSS e as partes anteriormente socialistas da Europa de catástrofe. A medida que a década de 1980 dava lugar à de 1990, o estado de espírito dos que refletiam sobre o passado e o futuro do século era de crescente melancolia *fin-de-siècle*. Visto do privilegiado ponto de vista da década de 1990, o Breve Século XX passou por uma curta Era de Ouro, entre uma crise e outra, e entrou num futuro desconhecido e problemático, mas não necessariamente apocalíptico. Contudo, como talvez os historiadores queiram lembrar aos especuladores metafísicos de "Fim da História", haverá um futuro. A única generalização cem por cento segura sobre a história é aquela que diz que enquanto houver raça humana haverá história. ◀

(23) Armand Mattelart, Invenção da comunicação, op. cit., pp. 11-12. ◀

(24) Defino Armand Mattelart como um **fundador** porque ele gerou uma obra científica que tem um amplo reconhecimento nas comunidades de pares na América Latina. Motivou, concomitantemente, uma corrente crítica de pensamento e pesquisa em comunicação que constitui um dos referentes obrigatórios da história do campo na região. Formulou um conjunto de obras essenciais para a reflexão e a investigação na área. Desenvolveu estratégias de ação transcendentais no Chile de Allende, em Moçambique, na República Dominicana, na Nicarágua sandinista, em Cuba, nos Estados Unidos, na Venezuela e na maior parte de países latino-americanos, produzindo importantes projetos de comunicação.

Para respaldar teoricamente minha proposição vou utilizar o argumento de Eliseo Verón acerca do que constitui uma **fundação**: "(...) o conceito de *fundação* refere-se a um processo **recursivo** de uma prática de produção de conhecimentos(...). O essencial é compreender **que a localização histórica de uma fundação é um produto do processo de reconhecimento**. Uma fundação é inseparável do reconhecimento retroativo do qual com efeito ela decorreu. É sempre **a posteriori** que reconhecemos, numa dada região do passado, o começo ou o recomeço de uma ciência. **A questão é portanto saber quais as condições de produção desse efeito de reconhecimento que chamamos de fundação**. (...) Minha hipótese é que os textos de fundação ocupam uma posição particular no interior da rede, a saber, a que é caracterizada por uma **distância máxima** entre a produção e o reconhecimento. Essa distância máxima não diz respeito à relação (Pdi)-(di), isto é, à relação de um discurso com os discursos que fazem parte de suas condições de produção. A distância de que estamos falando não se refere, tão pouco, à relação (Di)-(Rdi). Ela se refere à **relação entre tais relações (...)**. Podemos, assim, dar a esta hipótese a seguinte forma: um texto ou conjunto de textos de **cuja relação complexa entre a relação com as suas condições de produção e a sua relação com as condições de reconhecimento apresenta uma defasagem máxima, tem toda probabilidade de se tornar um texto de fundação, ou, em outras palavras, de produzir (depois) um efeito de reconhecimento que consiste em dar-lhe o estatuto de lugar de fundação**. Como já disse, o **porquê dessa distância máxima, num dado momento, não pode ser encontrado nos próprios discursos, porque essa distância é definida como uma relação (complexa) entre relações interdiscursivas**. (...) De um lado, vimos que todo discurso é o ponto de passagem de um duplo sistema de determinações, o lugar de encontro de dois conjuntos de relações, as relações que se reportam à produção e as que se reportam ao reconhecimento, sendo a circulação, de outro lado, o relacionamento desses dois conjuntos de relações. em suma, isso nos autoriza a dizer que, para falar com rigor, **uma fundação é um processo particular de circulação**: Eliseo Verón, **A produção de sentido**, São Paulo, Editora Cultrix-Editora da Universidade de São Paulo, 1980, pp. 119-122 ◀

## BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**, São Paulo, Hucitec, Ed. UnB, 1987. ◀

CASIRRIER, Ernest. **El problema del conocimiento**, México, Fondo de Cultura Económica, 1986.

CERTEAU, Michel de. **Artes de fazer: A INVENÇÃO DO COTIDIANO**, Petrópolis, Vozes, 1994. ◀

OCTAVIO IANNI. **Teorias da Globalização**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

MATTELART, Armand. **El imperialismo en busca de la contrarrevolución cultural**, Caracas, Universidad Central de Venezuela, 1974.

- **As multinacionais da cultura**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- **Multinacionais e sistemas de comunicação: os aparelhos ideológicos do imperialismo**, São Paulo, Ciências Humanas, 1976.
- **Comunicación y nueva hegemonía**, Lima, CELADEC, 1981.
- **La comunicación masiva en el proceso de liberación**, México, 7ª.ed. Siglo XXI, 1980.
- **América Latina en la encrucijada telemática**, Buenos Aires, Paidós, 1983.
- **Internacional publicitaria**, Madrid, FUNDESCO, 1990.
- MATTELART, Armand. **La publicidad**, Barcelona, Paidós Ibérica, 1991.
- **COMUNICAÇÃO MUNDO: história das idéias e das estratégias**, Petrópolis, Vozes, 1994.
- **A invenção da comunicação**, Lisboa, Instituto Piaget, 1996.
- MATTELART, Armand, MATTELART, Michèle. **Los medios de comunicación de masas: la ideología de la prensa liberal en Chile**, Buenos Aires, El Cid Editor, 1976.
- **Frentes Culturales y Movilización de masas**, Barcelona, Anagrama, 1977.
- **A cultura contra a democracia? O audiovisual na época transnacional**, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- **Pensar sobre los medios: Comunicación y crítica social**, Madrid, FUNDESCO, 1987.
- **O carnaval das imagens a ficção na TV.**, São Paulo, Brasiliense, 1989.
- **Historia de las teorías de la comunicación**, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 1997.
- MATTELART, Armand, DORFMAN, Ariel. **Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- MATTELART, Armand, PIEMME, Jean Marie. **La televisión alternativa**, Barcelona, Anagrama, 1981.
- MATTELART, Armand, STOURDZE, Y. **Tecnología, cultura y comunicación**, Barcelona, Mitre, 1984.
- MATTELART, Michèle. **Comunicación e ideologías de la seguridad**, Barcelona, Anagrama, 1978.
- **La cultura de la opresión femenina**, México, 2a.ed. Era, 1982.
- **Mujeres e industrias culturales**, Barcelona, Anagrama, 1982.

Copyright (c) 1999 Autor(es) / Copyright (c) 1999 The author(s)  
 The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal.  
 Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

